



«TOC não são os homens da fuga ao fisco»

Crise nas empresas resulta da falta de opinião técnica



Domingues Azevedo defende que os empresários devem ter no TOC um conselheiro

Alvaro Magalhães

«Grande parte das crises que se instalam nas empresas resultam por falta de acompanhamento técnico». Esta é a tese defendida por Domingues Azevedo, presidente da Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas (CTOC), a maior organização profissional de inscrição obrigatória do país, que conta com mais de 75 mil Técnicos Oficiais de Contas (TOC) inscritos.

Na presidência daquela estrutura de regulação profissional desde a sua criação em 1996, Domingues Azevedo disse ao *Diário do Minho* que, «hoje os TOC já não são os homens que se ocupam só dos "papéis" das empresas (contabilidade) mas que passaram a assumir a responsabilidade de aconselhamento nos negócios dos bons empresários».

Numa altura em que, do próprio Governo, surgem acusações a sectores da actividade económica de fuga aos impostos, o dirigente da CTOC sustenta que está a desaparecer a ideia «errada» de que

aqueles que tratam da gestão contabilística das empresas «são os homens que engendram esquemas de fuga ao fisco».

«Os profissionais estão hoje conscientes das suas responsabilidades, conscientes de que têm de ser conhecedores profundos da lei, de forma a poder ajudar o empresário/cliente da melhor maneira», frisa Domingues Azevedo.

Numa entrevista concedida no gabinete do seu escritório de contabilidade na freguesia de Fradelos, Vila Nova de Famalicão, o já "histórico" presidente da CTOC considera que «os empresários que o saibam ser, sabem também usufruir de toda a bagagem técnica que o TOC que trabalha na sua empresa para obter um aconselhamento mais sustentado sobre eventuais projectos de investimento», concretamente no que respeita ao comportamento dos mercados, da legislação e dos riscos.

Contudo, apesar de defender cada vez mais esta relevância do desempenho da função de TOC, Domingues Azevedo alerta que «os TOC

terão de ser os parceiros dos empresários sem nunca os substituir».

Com mais de 30 anos de experiência na profissão, o presidente da CTOC considera que «um bom TOC sabe ser parte integrante da empresa» e que, se da parte dos empresários houver abertura e transparência no relacionamento com aqueles técnicos, também estes se sentirão mais motivados para apoiar o seu cliente.

Ainda no que respeita à recorrente acusação de que a fuga aos impostos por parte de algumas empresas passa pelo desempenho do seu TOC, Domingues Azevedo sustenta que «não há nada de mais errado». «Ele não beneficia em nada com uma situação deste tipo, bem pelo contrário: coloca o exercício da sua profissão em risco», explica o dirigente da CTOC, «a menos que o TOC seja coagido a isso», alerta.

As situações de fuga aos impostos resultam em parte, na opinião de Domingues Azevedo, «do "chico-espertismo" que está arreigado na cultura indi-

vidualista do país e que leva a uma menor consciência de cidadania». Ainda assim, o presidente da CTOC refere que esta é uma situação que tem vindo a alterar-se e a melhorar «muito mais pelo medo da repressão da máquina fiscal do que por vontade própria».

Ser profissional TOC é, tal como todas as outras profissões que exigem ensino superior, uma profissão «que começa a dar sinais de saturação», frisou Domingues Azevedo.

Quanto à CTOC, o seu dirigente alerta que a mesma «não é um sindicato» mas uma organização que «tem por obrigação zelar pelo incremento e manutenção do interesse público da profissão de TOC». No âmbito da sua acção de fiscalização, a CTOC expulsou durante o presente ano 70 profissionais. «Este ano houve, de facto, mais processos de expulsão que em outros anos, muito pela aplicação da nova legislação», frisou Domingues Azevedo.

A CTOC vai a votos no próximo dia 7 de Dezembro e os profissionais podem escolher entre duas listas a sufrágio.